



“Movimento dos sem palco” pelo direito à subjetividade: O Sarau da Cooperifa

Clarice Ariela

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Tatagiba, Coorientador: Rodger Richer

Introdução

A presente pesquisa de Iniciação Científica teve início em agosto de 2018, com orientação da Prof.^a Dr.^a Luciana Tatagiba e coorientação de Rodger Richer. O trabalho se insere em um projeto coletivo realizado no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Participação e Ação Coletiva da Unicamp (NEPAC), que busca pensar, na perspectiva da Ciência Política, a importância da questão racial dentro dos movimentos sociais para o debate sobre democracia e participação no Brasil, uma vez que não há uma tradição de estudos sobre raça na área.

Tivemos como ponto de partida de investigação a construção da identidade política¹ dos sujeitos periféricos, a partir de uma experiência artística-cultural: o Sarau paulistano da Cooperativa Cultural da Periferia, a Cooperifa — idealizada e encabeçada pelo poeta Sérgio Vaz.

A partir da hipótese inicial a respeito de um reposicionamento da negritude como eixo central para mobilização de organizações na periferia em torno de um projeto político, tínhamos algumas perguntas como norteadoras: Como estão significando a periferia? Como associam periferia, raça e classe? Quais os sentidos políticos dessa associação? Como estão mobilizando uma identidade periférica? Buscamos, então, compreender como estão sendo mobilizadas pela Cooperifa as questões de raça e classe na conformação dos sujeitos políticos, ou seja, de que maneiras a raça atravessa a identidade política dos frequentadores do Sarau.

Porém, ao longo da pesquisa, novos problemas foram apresentados pelo campo, que nos levou a colocar no centro da reflexão a relação ‘cultura e política’ para pensar sobre o lugar da cultura periférica na construção de uma identidade política e na luta pelo direito à subjetividade como exercício de cidadania.

Metodologia

Na primeira etapa do trabalho, foi mobilizada a literatura da Ciência Política acerca das Teorias dos Movimentos Sociais² e do conceito de *matriz discursiva*, de Éder

¹ A ideia de produzir uma *identidade* entre os atores políticos, que os motivem a agir coletivamente, é um aspecto importante para construção dos movimentos sociais. Alberto Melluci pensa *identidade coletiva* como sendo construída a partir da interação compartilhada entre esse atores políticos, que criam vínculos a partir de um universo simbólico com o qual se identificam. (MELLUCI, 2001).

² ALONSO, 2009.

Sader³, para reconstituir a história da Cooperifa, para qual as principais referências foram a obra de Sérgio Vaz “Cooperifa, uma antropofagia periférica”⁴ e entrevistas já realizadas com ele. Numa segunda etapa, as energias foram direcionadas ao trabalho de campo nos Saraus da Cooperifa, — que consistiu em idas ao Bairro Jardim Guarujá, no Capão Redondo, com realização de registros escritos e fotográficos das apresentações, poesias e acontecimentos durante o evento — e às reflexões e elaborações a respeito dessa experiência, sem preocupação em articulá-las com a bibliografia proposta no projeto.

Para essa última etapa, estava prevista a continuação do trabalho de campo, buscando maior interlocução com os frequentadores do Sarau, e a elaboração de entrevistas com Vaz, Rose e outros organizadores, para então traçar um diálogo entre as considerações feitas a partir dos relatos sobre o campo e a biografia sobre a qual nos debruçamos, principalmente ao longo desses últimos meses de pesquisa.

No entanto, devido à pandemia da covid-19, as atividades presenciais foram impossibilitadas e, portanto, tivemos como foco acompanhar virtualmente as poucas atividades da Cooperifa durante o isolamento social e analisar as observações feitas anteriormente, a partir da literatura interseccional e, sobretudo, da tese “A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo”, de Tiarajú Pablo D’Andrea, na qual aborda os sentidos e significados que estão em jogo para o termo ‘periferia’ e qual a influência dos coletivos artísticos na formulação de um novo significado, argumentando que eles se constituíram enquanto um campo discursivo que criou uma nova forma de entendimento do que é a periferia, que a tira da chave “violência e pobreza” e a coloca na chave “cultura e potência” (D’ANDREA, 2013).

A noção de ‘interseccionalidade’ foi importante para o trabalho por tirar o foco de marcadores sociais de opressão de maneira isolada e nos ajuda a pensar como estão imbricados gênero, raça e classe, constituindo especificidades, não só de sujeição, mas também de potenciais formas de agência, que passam pela conformação de identidades que organizam a ação coletiva dos sujeitos políticos, que no caso da Cooperifa é política e, ao mesmo tempo, artística.

Ainda assim, parte substancial da pesquisa está no material etnográfico elaborado a partir de observação participante nos Saraus – no Bairro Jardim Guarujá, Capão Redondo, distrito de Campo Limpo, na Zona Sul de São Paulo. As idas ao Bar do Zé Batidão se deram, principalmente, entre os meses de agosto a dezembro de 2019, quinzenalmente, dado a distância e o horário em que ocorrem os Saraus, às terças-feiras das 20h30 às 23h30 da noite, indo muitas vezes até 00h.

Com a interrupção do trabalho de campo, não foi possível conversar com os frequentadores do Sarau no sentido de realizar algum tipo de entrevista informal, como estava proposto para esses últimos meses de pesquisa. Assim, a partir de março de 2020, quando foram proibidas aglomerações, passei a acompanhar as atividades da Cooperifa de forma virtual, por meio de sua página no Instagram e falas de Sérgio Vaz pela plataforma Spotify.

Discussão e Considerações Finais

A partir das observações feitas, percebemos que a *identidade* política mobilizada no Sarau da Cooperifa passa pelo orgulho de ser “quebrada”, do entendimento da periferia como um “quilombo cultural”, como um espaço geográfico e simbólico. No centro de

³ “Esferas públicas que permitem a reelaboração simbólica da vida cotidiana e a emergência de ações coletivas contra situações sociais avaliadas como injustas” (SADER, 1988 *apud.* MEDEIROS, 2018).

⁴ VAZ, Sérgio, 2008.

suas denúncias está a desigualdade de direitos, não só sobre gênero, raça e classe, mas sobre o direito à subjetividade, a reivindicação de um espaço legítimo para expressar-se e exercer sua cidadania por meio da literatura.

O direito de expressar-se subjetivamente através da poesia, bem como um espaço de produção poética sobre si, foi historicamente negado à periferia pelas instituições legitimadoras e pelos próprios movimentos progressistas de origem e orientação intelectuais, que construíram discursos políticos que muitas vezes não deram voz aos múltiplos sentimentos e formas de expressão cultural dos sujeitos políticos periféricos, em detrimento das demandas materiais de sobrevivência.

Dessa forma, produziram-se imagens sobre a periferia, de um lado pejorativas – por parte, principalmente de Órgãos Públicos, que só a percebem como um lugar da falta e da ausência – e de outro, romantizadas – sobretudo nas canções brasileiras feitas pela elite, que ressaltam aspectos culturalmente ricos, mas com uma falsa noção de harmonia e sem potência transformadora.

No espaço do Sarau da Cooperifa, quando as pessoas lêem seus textos, cantam suas músicas e declamam suas poesias – qualquer que seja seu conteúdo – realizam sua subjetividade, que, segundo D’Andrea, à medida que é mobilizada politicamente, os transforma em *sujeitos periféricos*, que participam da vida política e, portanto, exercem cidadania.

Ao refletir sobre a identidade coletiva desses sujeitos políticos, percebemos que não é possível centralizá-la nem a partir do espaço, nem das condições econômicas, nem mesmo das questões raciais, pois trata-se de sujeitos plurais, complexos e contraditórios, de maneira que, mesmo ao fazer um recorte de como essa identidade tem sido apropriada no Sarau da Cooperifa, não conseguimos atribuir a ela um significado único ou fundamental.

No entanto, observamos a importância da afirmação do orgulho de ser periférico enquanto potência de mobilização coletiva, diante das visões negativas sobre a periferia a favela e delas como um lugar de sujeição à espera de assistência e “salvação”.

Assim, percebemos a “identidade periférica” como múltipla, interseccional e contraditória. Pela qual perpassam questões de classe, raça e gênero, e permeia também a intersecção entre cultura e política, confundindo o que é mais importante e produzindo identidades necessariamente diversas, políticas e em disputa.

Por fim, do mesmo modo que não reivindicam apenas o acesso às produções artísticas já legitimadas e nem somente às políticas públicas existentes na área de cultura, cabe pensar o impacto que a noção de cidadania através da literatura tem na luta pela participação política e na concepção de um projeto político democrático.

Referências Bibliográficas

ALONSO, Angela. **As Teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate**. Lua Nova, 2009, n.76.

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

D’ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. 309 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013. [2013a]

MEDEIROS, Jonas. **Mudanças estruturais em contrapúblicos da Zona Leste de São Paulo: do “feminismo popular” ao “feminismo periférico”**. Resultado da pesquisa de doutorado apresentados no 42º Encontro Anual da Anpocs: GT11 – Entre as Ruas e os Gabinetes: institucionalização e contestação nos movimentos sociais. São Paulo, 2018.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa: Antropofagia periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq, pelo financiamento que viabilizou a presente pesquisa. À minha orientadora, professora Luciana Tatagiba, pela dedicação, carinho e compreensão em momentos delicados. Aos colegas do NEPAC – Rodger, Matheus, Jordy, Cassia e Mônica – pelos diálogos e trocas valiosas que me fizeram compreender a potência de uma pesquisa coletiva. E por fim, a todos do Sarau da Cooperifa, por me mostrarem que é possível fazer e estudar política de maneira sensível.